

REVÈILLON

Meu amigo Joel estava sentado em frente a sua casa olhando o movimento das pessoas que ansiosamente esperavam a chegada de um novo ano. A rua estava muito agitada, pessoas caminhavam de um lado para o outro, carros buzonavam, crianças gritavam, a fumaça dos churrascos impregnavam o ar e se misturava com a expectativa das pessoas de serem mais felizes no vindouro ano.

De uma maneira geral o ano que se acabava tinha sido muito difícil, os constantes pacotes econômicos tinham provocado falências, desemprego, quedas nas bolsas, em fim, uma crise sem precedentes que deixou todo mundo inseguro e pessimista. Com meu amigo não era diferente, desempregado, sem dinheiro, sem amigos, sem namorada e sem perspectiva.

Sentado em uma cadeira, tendo como companhia apenas uma garrafa de cerveja, ele compartimentava cada passante com um sorriso amarelo e o polegar, de quando em quando ele olhava o relógio para conferir se faltava muito para a meia noite, era como se a meia noite fosse o final de uma triste temporada, essa mesma impressão se refletia no semblante das pessoas que o compartimentava.

À medida que o tempo passava, a tensão aumentava, todos tentavam disfarçar a ansiedade com cantorias, danças, fogos e bebidas, mas o tempo é carrasco e sempre faz o inverso dos desejos das pessoas. Ah o tempo, quem pode compreendê-lo? Quem pode dominá-lo? Somos escravos do relógio e do calendário, tenho um outro amigo que tentou se livrar dessa escravidão rasgando o calendário e quebrado o despertador.

23hs e 30min: A partir daí o clima ficou mais pesado, um misto de alívio e apreensão tomou conta da rua, o ponteiro dos minutos parecia um caminhão lotado e sem gasolina tentando subir uma ladeira intransponível. A cerveja acabou e Joel pensou em ir deitar-se, mas decidiu esperar mais um pouco, afinal era preciso ter certeza que o ano realmente iria acabar.

A rua estava toda iluminada com as luzes de Natal, meu amigo percebeu que sua rua nunca estivera tão bonita, a maioria das casas estavam com a fachada decorada, luzes nas árvores, nas sacadas, nos jardins, etc. Arvorinhas de natal enfeitavam as garagens, uma irritante musiquinha eletrônica que procedia de uma das árvores era abafada por um grupo de pagode amador, meu amigo Joel odeia pagode, aliás pior que o pagode era a solidão que ele estava sentindo. - "O homem não foi feito para ficar só." - Certa vez Joel leu essa frase em algum lugar, acho que foi na bíblia, em Gênesis se eu não me engano.

A solidão é a pior coisa que existe, principalmente nesse período de festas, no natal e no ano novo os sentimentos se acentuam, quem está amando ama muito mais, quem está feliz sorri muito mais e quem está só, senti-se muito mais solitário.

Olhando para as luzes do natal meu amigo começou a divagar em suas lembranças, pensava em amizades perdidas, nas pessoas que ele sem querer magoou, nos seus traumas e frustrações, ele se deu conta que ainda não tinha feito o balanço anual que a maioria das pessoas fazem todo o fim de ano para poderem organizar melhor o ano seguinte e formular promessas que visam o aprimoramento da humanidade, mas que dificilmente são cumpridas.

Subitamente uma saraivada de fogos expulsou meu amigo de seus devaneios, era o ano novo que chegava como um rebento enraivecido pelas palmadas na bunda berrando e esperneando sem entender nada.

O barulho dos champanhes estourando se misturavam com os rojões, por alguns instantes aquela rua tornou-se o lugar mais perfeito do mundo, ali, só por alguns segundos não havia diferenças nem preconceitos de modo algum, todos se abraçavam e se cumprimentavam, pretos e brancos, ricos e pobres, inquilinos e proprietários, credores e caloteiros. É a magia da mudança da folhinha.

Realmente é incrível como um simples gesto como a troca de calendário pode fazer tanta diferença no comportamento e no ânimo das pessoas, parece que a partir daí tudo vai ser diferente, eu não entendo o porque, afinal uma coisa não tem nada a ver com a outra, cientificamente não há nenhuma ligação entre um fato e outro, mas o fato é que o sentimento humano é avesso aos critérios científicos.

Meu amigo Joel foi cumprimentado por todos os seus vizinhos. Ele recebeu e retribuiu abundantemente votos de prosperidade e melhor sorte, até beijou uma vizinha pela qual há muito tempo nutria uma admiração que a bem da verdade era quase uma paixão secreta, esse fato fez ele sentir que esse ano seria bem melhor, pois nem na melhor das hipóteses ele poderia imaginar que começaria o ano com um beijo de sua amada, e verdade que foi um beijo no rosto, mas quem se importa?

Dados os cumprimentos, todos se recolheram aliviadamente aos seus recantos e meu amigo se recolheu a sua solidão, tomou em um único gole um pouco de cidra que alguém lhe havia servido em um copo descartável como se fosse champanhe e se deu conta que a melhor coisa a fazer era ir dormir, afinal o ano que fora tão catastrófico foi-se embora e a boa noite de sono seria o suficiente para apagar da memória boa parte das coisas desagradáveis que aconteceram.

Entrando em sua casa vazia, não, ele não morava sozinho, ele morava com sua mãe e seus irmãos mais todos tinham saído para comemorar com outros parentes e amigos, insistiram para que Joel também fosse, mais era tão grande o desânimo dele que ele recusou os convites.

Sozinho na casa que sempre fora tão agitada ele começou a sentir uma certa angústia, porém ao se dar conta de tal sentimento, decidiu lutar, não, ele não iria começar o ano angustiado, pegou o telefone para ligar pra alguém. Ligar pra quem? Decidiu assistir TV, nada de bom na TV, depois de procurar por todos os canais ele acabou deixando em um show de pagode, não sei por que, meu amigo Joel detesta pagode!

Quinze minutos depois o pagode havia acabado, meu amigo já estava se levantando para desligar a TV quando viu a próxima atração; "DANÇANDO NA CHUVA", ai esta um filme que vale a pena ser visto, ou, ser revisto.

Assistindo aquele filme meu amigo sentiu-se bem, aquele filme fez com que ele sentisse saudades de um tempo que ele não viveu, de lugares que ele não conheceu, de coisas que ele não experimentou, Gene Kelly estava sensacional.

Fim de filme hora de dormir, na cama Joel resolveu fazer o tal balanço do ano anterior, ao começar lembrar dos acontecimentos achou melhor deixar o ano anterior e planejar o próximo, afinal depois do beijo da amada e do filme que acabara de ver, tudo lhe parecia mais promissor. Ok, mas o que esperar do ano que se iniciara? Nada, quando se quer modificar uma situação não se deve esperar nada, mas deve-se fazer tudo para que nada do que estava acontecendo continue a acontecer, e era isso que meu amigo queria, dar uma guinada na vida, pois ele não estava nem um pouco satisfeito a mesma.

Tudo bem, mais o que fazer? Que caminho seguir? Se meu amigo soubesse, ele não deixaria tudo chegar aonde chegou.

NOVOS OBJETIVOS

Certa vez alguém lhe disse que tinha lido em um livro que um homem para ser feliz e realizado ele deveria fazer três coisas:

a) ter um filho.

b) escrever um livro.

a) plantar uma árvore.

Era isso meu amigo Joel iria ter um filho e também iria escrever um livro e iria visitar uma árvore que ele havia plantado ao lado de sua escola quando estava na terceira serie, no dia da árvore.

Estava tarde, Joel foi rendido pelo sono.

* * * * *

Meu amigo Joel acordou cedo, mas não quis ser o primeiro a levantar, ficou na cama esperando ouvir o barulho de sua mãe na cozinha, geralmente é sua mãe quem levanta primeiro para preparar o café. Enquanto esperava imaginava como seria o primeiro dia do ano, não era difícil imaginar, Natal e Ano Novo e sempre a mesma coisa naquela casa, ou seja, um saco, mas aquele ano seria diferente, sim, diferente.

Enquanto estava tomando o seu café, meu amigo se lembrou da árvore que um dia ele plantou e teve vontade de ver como ela estava, foi nesse momento que sua mãe se lembrou que ainda não o tinha abraçado naquele ano, um beijo molhado marcou a face de meu amigo.

Como única ação naquela manha calorenta era a arrumação da casa ao som de uma emissora local cujo locutor imbuído de um saudosismo de gosto duvidoso só tocava Léo Canhoto e Robertinho, meu amigo Joel saiu para dar uma volta.

Caminhando pela rua sem destino certo ele contemplava a paisagem da cidadezinha interiorana saturada de copos descartáveis e garrafas quebradas oriundas dos festejos da noite anterior, o que lhe trazia a memória lembranças dos natais de sua infância. Bons tempos aqueles em que um brinquedo embora simples tinha o poder de nos fazer felizes, eu digo nos porque eu e Joel passávamos quase todos os natais juntos.

Naquele tempo, o natal tinha uma magia diferente, eu não sei o que era, acho que e porque nos éramos muito pobres, nos continuamos pobres, mas nesses tempos de globalização a coisa apesar de difícil e muito mais fácil, não sei se mim fiz entender, mas o fato e que naquele tempo o guaraná era mais gostoso, as luzes mais brilhantes, a musica mais bonita. Ah a musica, na casa de meu amigo tinha um disco de musicas natalinas, era instrumental com harpa e piano,

eu achava maravilhoso, esse ano, em visita a casa dele eu ouvi o disco, eu reconheci as musicas, mas não senti a mesma emoção. Porque será?

A PRIMEIRA ÁRVORE

Sem se dar conta meu amigo se viu em frente à escola onde cursou o primário e viu a árvore que ele plantou há quase vinte anos.

Eram três árvores que nos plantamos na terceira serie, eu digo nos porque eu e meu amigo estudamos juntos durante todo o primário.

As árvores estavam dispostas em um triângulo gramado, com mesinhas e bancos de concreto, desses em que os aposentados passam o dia jogando baralho ou dominó. Meu amigo Joel se surpreendeu com o tamanho das árvores. Ah se ele tivesse crescido tanto quanto aquelas árvores!

Sentado num dos banquinhos de concreto, ele contemplava a beleza singela da pequena praça e refletia sobre os seus novos objetivos, ter um filho e escrever um livro, era isso que ele queria fazer no ano que acabara de começar. Sim porque a árvore ele já tinha plantado, estava sentado a sua sombra naquele exato momento, ou será que ele deveria plantar uma outra árvore. Dessa vez, sozinho? Tudo bem só que isso seria a ultima tarefa a ser realizada no ano.

O LOTAÇÃO

Chovia muito naquela manhã de fevereiro, Joel, que tinha acabado de arrumar um emprego em um escritório de contabilidade, aguardava a chegada do ônibus tentando se abrigar de todas as maneiras debaixo de seu negro guarda-chuva. Assobiando a musica tema do filme de Gene Kelly, ele tentava espantar o frio e o mau humor que por certo traria em seu bojo uma gripe que lhe garantiria alguns dias de cama, ele era muito suscetível à gripe.

O ônibus, como em todo dia de chuva estava lotado, o transito estava horrível, em uma cidade tão pequena não devia haver congestionamento mais as ruas da cidade de meu amigo Joel são estreitas e mal sinalizadas e são calcadas com paralelepípedos, são ruas bonitas, mas nada práticas, meu amigo, por sorte ou azar, conseguiu sentar-se junto a uma das janelas, logo depois uma senhora gorda, abarrotada de pacotes e sacolas que havia entrado três quadras a frete da sua o comprimia junto ao vidro da janela enquanto comentava com sua comadre que estava sentada do outro lado do corredor a respeito de um novo produto que ela havia adquirido pelo telefone.

Alheio as conversas de comadre, meu amigo, que estava com o rosto literalmente colado ao vidro da janela devido a sua avantajada colega de coletivo, pensava em como ele iria atingir os objetivos definidos no principio do ano, afinal quase dois meses já haviam se passado.

A PROCURA DE UMA MÃE PRA SEU FILHO

Ao chegar em seu trabalho ele procurou prestar mais atenção em suas colegas de escritório, talvez a futura mãe de seu filho estivesse mais próxima do que ele imaginava.

Mas essa tarefa não seria tão simples assim, era o futuro do seu futuro filho que estava sendo traçado, por isso era preciso estabelecer critérios para a seleção da mãe da criança a fim de evitar futuro transtornos afinal ele não queria uma esposa, ele queria um filho.

A mãe do seu filho deveria ter algumas qualidades fundamentais como por exemplo: ser inteligente, não ter nenhum problema de ordem genética, ser branca. Não. Meu amigo Joel não é preconceituoso, e uma questão de preferência, ele mesmo é negro, ou melhor, é filho de mãe branca com pai negro, mas é claro, claro o suficiente para no Brasil ser considerado branco. Alias, na certidão de nascimento de Joel, consta que ele é de cor parda, mas ao que me consta pardo não é exatamente uma cor, principalmente em se tratando de um ser humano, ou é?

Sem duvida alguma a tarefa mais difícil de meu amigo é encontrar uma mulher que esteja disposta a abrir mão da criança depois de ficar nove meses com a mesma na barriga, sim porque na maioria das histórias de barriga de aluguel que se tem notícias, a mãe sempre se apaixona pelo filho.

Se meu amigo fosse mulher, a metade de seus problemas estariam resolvidos.

Será que algum dia o homem poderá engravidar?

Essa pergunta a primeira vista pode parecer absurda, mas se considerarmos o avanço científico principalmente nas áreas da genética, criogenia e clonagem iremos concluir que teoricamente tudo é possível. Pessoalmente eu devo confessar que tenho um certo receio de tanto avanço tecnológico, quando o homem não respeita os seus limites, a natureza cobra um preço demasiadamente caro.

Mas o fato é que o escritório onde meu amigo Joel trabalhava não tinha nenhuma mulher com o perfil da mãe perfeita. Das quatro mulheres que lá trabalhavam, uma era sexagenária, a outra fazia parte daquilo que há pouco tempo chamaríamos de grupo de alto risco, a terceira, bem a terceira seria uma opção razoável, mas Joel não teria nenhuma chance com ela e a quarta e última era esposa do chefe.

O CARNAVAL

Depois de muito pensar como ele faria para ter um filho, meu amigo achou melhor dar um tempo, espairar um pouco, o carnaval estava chegando e ele iria aproveitar para dar início ao "livro" porque nada impedia que ele escrevesse o livro e tivesse o filho ao mesmo tempo.

Ele passou o carnaval no sítio de seus avós porque meu amigo detesta carnaval.

Eu sei que esse meu amigo Joel parece ser um tanto chato, não gosta de carnaval, não gosta de pagode, não gosta de Léo Canhoto e Robertinho. Ah, eu ainda não contei que ele também detesta futebol.

Acontece que Joel é uma pessoa fora de seu tempo. Você leitor nunca sentiu saudades de lugares que nunca esteve? De fatos que não presenciou? De um tempo que não viveu? Com meu amigo isso acontece a todo o momento, ele gostaria de estar vivendo no "Tempo da Brilhantina" ou, nos "Anos Dourados", meu amigo não é um chato, é um saudosista, é um daqueles "amante apaixonado do tipo que ainda manda flores" mas está muito mais pra Silvío Caldas do que pra Roberto Carlos.

E por isso que ele raramente sai de casa, ele não tem turma, não tem tribo, não tem um grupo com quem se identifique. A bem da verdade eu creio que meu amigo prefere ficar distantes das pessoas por ter medo de se machucar novamente.

No sítio de seus avós, Joel procurava um tema para seu livro. Teria que ser um tema interessante e que ele dominasse totalmente, poderia ser política, preconceito, ecologia, amor, comunismo, religião, música ou mesmo futebol. É certo que ele não gosta de futebol, mas e daí? Ele também não gosta de política, mas isso não impede que ele tenha uma opinião crítica bastante interessante sobre esses assuntos. Na minha opinião todo mundo deveria ter uma opinião formada sobre tudo que gira ao seu redor, isso ajudaria a dificultar a manipulação do povo por pessoas inescrupulosas que levam vantagem às custas da ignorância da massa.

Meu amigo Joel sabia que não era especialista em nenhum assunto que merecesse ser publicado, porém isso não poderia ser empecilho para que ele alcançasse seus objetivos, se ele não conseguisse falar sobre um determinado assunto ele iria fazer uma história, um romance sobre o assunto.

Não foi naquele carnaval que meu amigo Joel começou a escrever o livro. Ele até que sabe escrever, pois ele lê muito, o problema é que ele tinha e tem um certo receio em escrever, e que ele acredita que ao escrever ele está se expondo, ele não tem se quer uma agenda para telefones.

De certa forma meu amigo tem razão, pra escrever é necessário abrir a alma e expor os sentimentos principalmente em se tratando de um romance, o autor não consegue compor um personagem sem dar um pouco de si "Deus criou o homem e soprou seu Espírito sobre ele".

Meu amigo Joel sempre foi diferente das outras pessoas, eu não sei se essas diferenças eram uma forma de se destacar ou se era devido a algum problema psicológico porque eu me lembro que ele até os vinte anos ele era um criança. Eu não estou me referindo ao sentido da irresponsabilidade que muitas vezes é atribuído injusta e generalizadamente a todo o jovem, e nem tão pouco ao espírito infantil que todo o adulto deve procurar manter dentro de si, eu quero dizer sim que meu amigo era um criança no sentido literal da palavra, ou seja, ele não tinha namorada, brincava com bola de gude e soltava pipa e ainda brigava com seus colegas de brincadeiras que na maioria das vezes tinha a metade de sua idade e de seu tamanho.

O preço da infância prolongada de Joel foi à ausência da adolescência, e creio eu que a vida cobra juros muito alto sempre que isso acontece. Quando uma criança deixa a escola e as brincadeiras para ter que trabalhar a sociedade e quem paga, e na maioria das vezes a vida exige que o pagamento seja feito com a moeda da miséria e os juros da violência.

O VELÓRIO

A transição da infância para a fase adulta de meu amigo, aconteceu de uma maneira bastante traumática. Aos vinte anos seu pai faleceu vítima de um acidente em seu trabalho, um tio chegou e anunciou:

"Seu pai está morto, agora você e o homem da casa". "Homem da casa!?"

Até aquele momento ele não havia percebido, mas ele já era um homem. Como podia ser? Ele nunca fora moço e de repente era um homem.

No velório a tristeza da perda e o medo da responsabilidade se associavam com um outro sentimento inusitado e totalmente desconhecido para ele, sentimento este despertado pela imagem desolada de Isabel Cristina.

Isabel Cristina era morena da pele clara, muito clara. Era magra, era pálida, era linda!

A moça de cabelos e olhos negros, muito negros, pranteava tal qual meu amigo Joel a morte do pai que morrera no mesmo acidente.

Um turbilhão de imagens, sentimentos e pensamentos povoavam a mente de meu amigo, ele não derramou uma lágrima pelo pai, não porque ele não gostasse do pai, na verdade ele não gostava nem desgostava, seu pai era uma pessoa totalmente estranha para ele, tão estranha quanto aquela situação, aquele sentimento.

O prédio do velório municipal estava muito movimentado, coincidentemente haviam ocorrido vários óbitos naquele dia, após eu apresentar meus pesares ao Joel e sua família, tive a curiosidade de olhar as outras dependências do velório, o velório e um lugar muito propício para se rever antigos amigos, triste e que às vezes um dos lados está dentro do caixão.

Um velório e um dos melhores laboratórios para se estudar a personalidade humana, e no velório que todas as emoções se contrastam e o lugar das ambigüidades, das dualidades, do medo, da fé, da paixão em fim o velório e o espelho que reflete a cultura de um povo.

Na sala ao lado de onde estava o pai de meu amigo estava sendo velado um velho, membro de uma igreja messiânica, a falta de velas e de lágrimas me chamou a atenção. Ao invés de rezarem e chorarem como é de praxe, os participantes, cada um ao seu tempo, prestavam homenagens ao falecido relatando fatos ocorridos e realçando qualidades que o defunto possuía.

Mais adiante, em uma outra sala, um jovem vestido com roupas de grife que provavelmente lhe custou vários meses de salário, discutia com um senhor que estava totalmente embriagado, em dado momento o rapaz muito envergonhado com aquela situação agrediu o velho que era seu tio e jogou a garrafa de pinga que o mesmo trazia a tiracolo por cima do muro do cemitério que fica ao lado do velório, o escândalo provocou uma choradeira no resto da família, até hoje eu não sei se a choradeira era pela perda do ente querido ou pela perda do precioso líquido.

Quando chegou a hora de descer o caixão a sepultura, começou a chover. A chuva estava suave e fria, meu amigo recusou o guarda-chuva que alguém lhe oferecera, seu rosto triste era lavado pela chuva, tive a impressão de ver uma lagrima se misturando com as gotas da chuva, acho que foi só impressão.

Algumas semanas depois do enterro, meu amigo, fazendo jus a sua nova atribuição de chefe de família, estava em uma repartição pública tratando de assuntos referente à indenização da morte de seu pai. Qual foi a surpresa dele ao se deparar com Isabel Cristina que acompanhada pela mãe fazia a mesma coisa.

Apesar de ainda abatida pelo trágico ocorrido Isabel Cristina parecia mais animada, Joel se aproximou para cumprimentá-la e oferecer-se para ajudar com a papelada. Os processos de indenização correram juntos, isso propiciou pra que meu amigo Joel e Isabel Cristina se encontrassem varias vezes para resolverem problemas referente ao mesmo.

O contato entre os dois fez com que o sentimento que brotara no coração de meu amigo por ocasião do velório florescesse. A principio meu amigo achou que aquele sentimento estranho era apenas por solidariedade ou então uma forma de sentir pena de si mesmo através da dor semelhante que se refletia em Isabel Cristina que como ele também perdera o pai. E de fato era certa a conclusão de Joel, porém à medida que o tempo foi passando esse sentimento se transformou em paixão.

No sitio de seus avos, meu amigo Joel recordava passo a passo seu amor de quase dez anos atrás, e bem verdade que desde que ele conheceu Isabel Cristina não houve um só dia em que ele não pensasse nela, e não sofreu por ela.

O tempo não para, o tempo nunca para, e três meses já haviam se passado, meu amigo se deu conta que só faltavam nove meses para o fim do ano, não iria dar tempo de seu filho nascer naquele ano a não ser que ele arrumasse uma mãe imediatamente ou que a criança fosse prematura.

DEPRESSÃO - A BABÁ

Uma grande agonia tomou conta de meu amigo, o fato de ele não conseguir atingir seus objetivos o fazia sentir-se impotente, incompetente a pior das criaturas viventes, não era a primeira vez que aconteceu isso a ele, isso acontece todas as vezes que ele se sente coagido pelas contingências. A crise depressiva pelo qual Joel foi acometido transformou-se em problemas psicossomáticos que entre outras coisas lhe custou o emprego no escritório de contabilidade, mas como acontece todas as vezes que esse tipo de problema aparece, em uma bela manhã como que por um milagre divino ele salta da cama enche os pulmões de ar e sai a passear como se fosse uma borboleta que acabou de sair do casulo.

E foi em uma dessas melhoras repentinas que meu amigo ao sair para ver o mundo, viu uma mulher que a primeira vista era perfeita para ser a mãe de seu filho. A mulher parecia ter saído de uma das crônicas de Nelson Rodrigues, ela estava cuidando de uma criança da qual certamente ela era babá, seus cabelos eram dourados, mas sua pele tinha o bronzeado de uma caiçara das praias nordestinas, seus olhos transmutavam do verde para o azul conforme a incidência da luz, falava alto e gesticulava, mesmo ao lidar com a criança que estava tranqüila no seu colo. Ela vestia um vestido branco de chita com um generoso decote que deixava a mostra boa parte dos seis ofegantes e avantajados.

A babá era exatamente o oposto de Isabel Cristina e talvez seja isto que mais chamou a atenção de meu amigo Joel. Isabel Cristina, como eu já mencionei, tinha os cabelos e os olhos negros, e a pele era de uma palidez impressionante, sua voz era suave e roca e tinha uma sensualidade natural e involuntária, Isabel Cristina era toda sedução.

Meu amigo Joel sempre foi tímido, Isabel foi sua primeira e última namorada, mas agora ele precisava de uma mãe, ou melhor, de uma mulher para ser a mãe de seu filho e aquela babá foi irremediavelmente escolhida e ele iria usar todo o charme que todos nós Latino Americanos possuímos, ele se armou de coragem e se aproximou. Com o cacoete de quem não tem nenhuma intimidade com a arte da conquista, ele parou em frente à moça e arriscou:

--Italiana?

A moça não entendeu a pergunta, meu amigo intuiu que o chute não poderia ter sido mais fora, o que acabou com a pouca autoconfiança que ele havia garimpado no mais profundo de sua alma, porém num esforço sobre humano ele respirou fundo e resolveu usar uma tática mais corriqueira para tentar se aproximar:

--Eu não conheço você de algum lugar?

Realmente deu melhores resultados. Enquanto meu amigo dialogava com a babá ele se perguntava que motivos o levaram a concluir que aquela loira de olhos verdes azulados e que falava alto e gesticulava muito pudesse ser italiana. A babá era cearense, era evidente, com aquele bronzeado de caiçara nordestina ela só poderia ser cearense. A conversa fluiu surpreendentemente bem, superando completamente as expectativas de Joel, fato que o convenceu mais ainda de que

aquela era a mãe ideal para o seu filho tão desejado. Em pouco tempo ele soube que a babá chamava-se Maria do Socorro e que ela detestava quando alguém lhe chamava de "Socorro", ela nasceu em fortaleza, mas ainda criança mondou-se para o Rio de Janeiro e há três anos vivia aqui no interior paulista, trabalhava como babá para uma família tradicional da cidade e morava no emprego.

Munido de todas essas importantes informações, meu amigo podia planejar qual seria a melhor estratégia para convence-la a lhe dar um filho, combinaram de se ver no dia seguinte naquela mesma hora, naquela mesma praça.

O PESADELO

Naquela noite meu amigo não conseguiu dormir, confabulava com seu travesseiro sobre a importante missão do dia seguinte, foi quando de repente uma importante questão jogou por água abaixo todos os seus planos, a questão era: Como ele iria cuidar da criança? O pior e que foram surgindo cada vez mais e mais questões: Quem iria trocar as fraldas? Quem iria amamentar, ninar, dar remédios? Quem iria falar sobre sexo com o garotinho? Meu amigo Joel começou a soar frio, a respiração acelerou, os batimentos cardíacos subiram vergonhosamente, ele se viu sufocado por uma multidão de chupetas gigantes em forma de interrogação, foi quando ele acordou, era um pesadelo!

Na manhã seguinte, indisposto pela noite mal dormida e atormentado pelas lembranças do pesadelo, Joel procurava uma solução para o terrível problema que surgira em função de seu filho que só existia em projeto. Realmente até a noite anterior ele não tinha calculado a responsabilidade e a enorme carga de problemas que cercam a criação de uma criança. Definitivamente criar uma criança não é tarefa para uma pessoa apenas, mas sim, é tarefa para um tipo de entidade instituída que desde os primórdios vem sendo chamada de família, e claro que às vezes, por motivos de força maior esse tipo de entidade é substituído por um outro tipo de entidade geralmente chamado de orfanato.

Uma família era o que o meu amigo Joel precisava, sim ele já tinha família, tinha mãe, irmãos, tios, mas ele sabia que a família da gente não serve para esse tipo de coisa, alias a família da gente não serve para quase nada, pelo menos nada daquilo que a gente gostaria que ela servisse.

Outrora meu amigo recusava terminantemente a hipótese de casamento, mas agora com a constatação da impossibilidade de ter um filho tipo (produção independente), ele aceitou rever a sua posição e considerar a possibilidade de um casamento com Maria do Socorro.

Na praça meu amigo esperava ansiosamente a chegada de Maria do Socorro, ao vê-la, ainda de longe, ele teve uma sensação que há quase dez anos estava reprimida em seu íntimo. Foi quando teve que admitir pra si mesmo que pela segunda vez na vida estava apaixonado.

REVIVENDO O PASSADO

Dizem que só um novo amor pode curar a dor de um outro amor. Até aquele momento Joel ainda sofria por causa de Isabel Cristina.

A visão de Maria do Socorro fez com que toda a sua história com Isabel Cristina passasse diante de seus olhos como um relâmpago:

O romance de Isabel Cristina e meu amigo Joel se desenvolveu enquanto o processo de indenização de seus pais tramitava, a timidez de meu amigo não permitia que ele se declarasse e Isabel que era muito ligada ao pai, estava mergulhada em profunda tristeza e a última coisa que ele queria no momento era se aproximar de um homem.

Tudo começou após o término de uma das inúmeras audiências que os dois tiveram que comparecer, naquele dia houve muitas perguntas a respeito do acidente que vitimou os pais de Isabel e de meu amigo, a série de perguntas fez com que Isabel tivesse uma crise de choro após a audiência, meu amigo a levou a uma praça que ficava ali perto para consolá-la. Ela estava em soluços, sem saber o que fazer Joel abarcou-a.

Isabel Cristina era muito ligada ao pai, filha única ela tinha todas as atenções voltadas para si, era mimada, todos os seus desejos eram consideradas pelo pai como ordem, nada lhe faltava, mesmo sendo uma mulher forte, a morte de seu pai foi um golpe grande demais para ela assimilar sozinha.

Ao abraçá-la meu amigo Joel tremeu, era a primeira vez que ele abraçava uma mulher que não era de sua família, desajeitado, não sabia onde pegar, Isabel o apertava com toda a força na tentativa de espantar a tristeza que a consumia. Meu amigo Joel queria abraçá-la com força, mas ela era tão delicada que ele teve medo que ela se quebrasse. Ela acalmou-se, meu amigo tirou o lenço do bolso e enxugou-lhe o rosto. Neste momento o mundo inteiro pareceu ter parado, nenhum ruído, nenhuma brisa, nenhum movimento, os dois ficaram em silêncio apenas se olhando nos olhos, de repente uma última lágrima solitária rola pela face alva de Isabel Cristina, um impulso incontrolável e ilógico e porque não dizer estúpido, fez Joel lambear a lágrima. Ruborizado de vergonha ele não sabia o que dizer pensou em pedir desculpas.

Isabel Cristina diante do constrangimento de meu amigo sorriu. Era a primeira vez que meu amigo a viu sorrir tão espontaneamente.

Até então aquele foi o melhor dia da vida de meu amigo, ele estava nas nuvens, ele deixou Isabel Cristina em sua casa e voltou para a praça onde abraçou Isabel.

Tudo na praça estava diferente, era incrível parecia um outro lugar, parecia que ele nunca havia estado naquela praça, havia flores, borboletas, pássaros, havia vida, vida por todo o lado que se olhasse, era tudo novo, era tudo lindo, era tudo maravilhoso, a vida e maravilhosa! Era primavera e um perfume floral delicioso impregnava o ar, Joel cheirou uma por uma cada flor da praça e todas elas tinham o perfume de Isabel Cristina.

Não fazia nem trinta minutos que deixara Isabel Cristina e já queria vê-la novamente, precisava vê-la, mas sobre qual pretexto? Que desculpa usaria? Ele tinha que arrumar um argumento para vê-la, talvez o lenço? Sim o lenço ficara com ela, ele poderia pedir o lenço de volta.

Não, isso seria ridículo, além do mais uma dama nunca devolveria o lenço sem lavar.

Lavar!?!

Não, o lenço não poderia ser lavado, o lenço era a recordação do melhor momento da vida de meu amigo Joel, o lenço tinha o cheiro dela! Talvez. Talvez se fosse até a esquina da casa dela. E ela poderia olhar pela janela ou sair a varanda, quem sabe?

Meu amigo Joel andava de um lado para o outro a procura de uma justificativa que o levasse a ver Isabel Cristina.

A SEGUNDA ÁRVORE

Quem ama perde a noção do ridículo, eu digo isso porque meu amigo ficou o resto do dia e boa parte da noite na esquina da casa de Isabel Cristina escondido atrás de uma árvore na inútil tentativa de vê-la. Inútil porque ela foi passar o final de semana em uma fazenda de amigos.

Três longos dias se passaram, até então os três piores dias da vida de meu amigo.

Na segunda feira ainda de manha meu amigo Joel não resistiu a saudade e foi visitar Isabel, no caminho passou na praça e colheu uma rosa branca. Chegando a casa de Isabel Cristina ele ficou parado ante a campainha da porta sem saber o que faria quando a porta se abrisse. A porta se abriu antes mesmo de ele apertar a campainha pegado-o de surpresa. Era a mãe de Isabel. Na tentativa atrapalhada de esconder a flor da mulher e com a língua um tanto travada ele só conseguiu balbuciar o nome de Isabel.

A mulher chamou Isabel Cristina e em seguida saiu deixando sozinho na sala. Com a rosa escondida em suas costas ele assentou-se no sofá de Isabel, disse que estava preocupado com ela, perguntou se ela estava melhor.

O que havia acontecido na praça não teve pra Isabel o mesmo significado que teve para Joel, e ele percebeu isso ao revê-la.

Isabel era um pouco mais velha que ele, apesar de ter sido muito mimada pelo pai era uma mulher resolvida, era senhora de si, e meu amigo era apenas um garoto fascinado por uma mulher fascinante. Desconfortado pela dura constatação, ele esmagou a rosa que trazia escondida atrás de si e na primeira oportunidade a jogou pela janela.

* * * * *

O processo da indenização estava terminado e o benefício concedido pelo juiz foi providencial para as famílias envolvidas. Na ultima audiência meu amigo e Isabel foram novamente juntos para os acertos finais, Isabel estava especialmente linda naquele dia, usava uma blusinha branca de seda com um bordado delicado na altura dos seios, a blusa era de alça e deixava amostra seus lindos e brancos ombros. Foram de ônibus, o movimento do veículo fez com que meu amigo esbarrasse o braço no braço de Isabel, uma corrente elétrica percorreu todo o corpo de meu amigo Joel deixando-o excitado, isso o assustou, "Será que ela sentiu a mesma coisa?" Pensava ele. Um novo esbarrão, agora proposital, a mesma sensação, como não houve nenhuma reação contrária por parte de Isabel Cristina, Joel resolveu ficar encostado junto a ela de vez.

O contato continuava e a excitação também meu amigo não acreditava ser possível que apenas ele estivesse sentindo aquilo, não Isabel também sentia e se ela era conivente e porque talvez ela se sentisse a mesma coisa por ele.

O PILEQUE DE ISABEL

Tudo consumado no que se referia ao processo, uma gorda indenização foi concedida para as respectivas famílias dos acidentados, o fato merecia uma comemoração e meu amigo foi com Isabel Cristina a uma lanchonete tomar um chope. Meu amigo Joel não era habituado a beber e tinha algumas reservas a respeito de pessoas que bebiam, mas em ocasiões especiais, que mal havia? Isabel tomou um, tomou dois, tomou vários chopos.

Meu Deus aquela mulher em formato de flor bebia! Meu amigo Joel ficou bestificado com a descoberta.

Tudo bem ela não era perfeita, pensava ele, mas era quase perfeita. Era a mais perfeita das mulheres.

Após os chopos Isabel Cristina ficou um tanto quanto relaxada, não, relaxada não, relaxada e uma palavra muito pejorativa e não se aplica a uma mulher do porte de Isabel Cristina, e melhor dizer que ela ficou de pilequinho. Muito mais descontraída devido à ação do álcool Isabel segurou na mão de Joel e agradeceu a atenção que ele tão dedicadamente dispensou a ela.

A conversa continuou de uma forma muito agradável, Isabel ajeitava os cabelos de meu amigo, segurava em seu braço sempre que queria dele atenção, ela chegou até a belisca-lo quando achou que ele estava olhando para uma outra moça, besteira, ele só tinha olhos para Isabel Cristina, em determinado momento, Isabel chegou a espremer um cravo de seu rosto. Tudo aquilo era novo para meu amigo, em toda a sua vida nenhuma mulher havia demonstrado sentir ciúmes dele beliscando-o, na verdade nenhuma mulher demonstrou ciúmes de jeito nenhum e a única mulher que tentou espremer-lhe um cravo foi sua mãe que, diga-se de passagem, ele não deixou, porque dói muito.

Qualquer um que olhasse o casal naquele momento diria que eram namorados.

Já era tarde, meu amigo Joel a levou embora, dessa vez de táxi. Ela adormeceu com a cabeça ao ombro de meu amigo. Aquela Isabel que estava dormindo em seus braços, não era a mesma mulher por quem ele se apaixonara, a Isabel descontraída, alegre e quase vulgar da lanchonete não era a mesma Isabel da lagrima doce como mel.

Quando chegaram a casa da moça ele a acordou, ela se queixava de uma terrível dor de cabeça, Joel teve que ampara-la até a porta, ao ver a filha naquele estado a mãe da moça lançou um olhar ao meu amigo que o fez sentir-se como se estivesse condenado a cadeira elétrica, chateado ele foi embora, a pé, todo o seu dinheiro foi-se com o táxi e a lanchonete.

No caminho para a sua casa ele aproveitou para contemplar a lua e as estrelas, o céu estava lindo naquela noite, mas se por acaso estivesse chovendo não haveria problema algum, ele estava feliz e com vontade de dançar.

No outro dia bem cedo ele ligou pra Isabel Cristina e perguntou:

--E ai, sarou?

Amigo leitor, eu vou posso lhe garantir que a pior pergunta que se pode fazer pra alguém que esta de ressaca e essa que meu amigo Joel fez. Isabel desculpou-se pelo papelão da noite anterior, meu amigo aproveitou e disse que só aceitaria as desculpas se ela aceitasse tomar um sorvete com ele, marcaram para a noite do dia seguinte.

Sentado de frente para a rua em uma mesa da melhor sorveteria da cidade Joel esperava impacientemente a chegada de sua amada, com receio de enfrentar novamente o olhar repressor daquela que ele esperava ser um dia sua sogra ele achou conveniente marcar o encontro na sorveteria ao invés de pega-la em casa como de costume.

Após os acontecimentos dos últimos dias meu amigo se sentiu mais confiante em relação à Isabel Cristina e a caminho da lanchonete passou mais uma vez naquela praça e apanhou uma outra rosa branca, dessa vez iria dá-la a Isabel juntamente com um pedido de namoro, se Deus o ajudasse.

Tudo o universo conspirava a favor do amor, a noite estava linda, as estrelas brilhavam uma brisa suave refrescava e perfumava o ar.

Como uma aparição divina, Isabel Cristina surgiu no final da rua ofuscando as luzes de mercúrio. Perante aquela figura soberana meu amigo perdeu a fala, a cada dia que passava mais meu amigo Joel ficava fascinado por Isabel Cristina, tremulo e sem dizer nada meu amigo deu a flor para Isabel, ela sorriu, agradeceu e perguntou se ele estava se sentindo bem, depois de respirar fundo e pigarrear ele alegou ter sofrido uma queda de pressão, na tentativa de disfarçar sua ansiedade, ele foi até o balcão pegou o saleiro e enquanto se recompunha lambia um bocado de sal.

Fizeram o pedido, ela tomou sorvete de pistache e ele de chocolate, Joel adora chocolate. A conversa foi bem diferente da noite dos chopos, Isabel Cristina, até para apagar a imagem negativa que por ventura causara, adotou uma postura seria e discreta, sua voz era rouca e suave, com comentários inteligentes ela fez com que meu amigo se sentisse inferior. Enquanto Isabel conversava e se deliciava com o sorvete, meu amigo encantado por sua exuberância não conseguia formular uma frase que fizesse sentido, seus olhos estavam fixos em Isabel, o jeito que ela pronunciava os erres e esses, o jeito que ela corria os dedos por entre os cabelos, o jeito que ela pegava a colherinha para tomar o sorvete, o jeito que ela virava os olhos a cada colherada de sorvete, ele parecia estar hipnotizado pelo charme e beleza da mulher.

Sim, ela estava jogando com Joel. Ela percebeu que ele estava literalmente de quatro por ela e decidiu brincar com o pobre idiota. Com se ela estivesse em uma guerra, estrategicamente Isabel sondava os sentimentos de meu amigo para ver até onde ele era vulnerável. Inocentemente meu amigo Joel escancarou suas defesas, se rendeu completamente a sua oponente. Entre soluços e gaguejando muito Joel confessou seu amor total e irrestrito por Isabel Cristina, ela, a principio pensou em recusar qualquer aproximação, mas o fato de meu

amigo ser jovem, bonito carente e totalmente inexperiente despertou o desejo de inicia-lo na arte do amor.

O PRIMEIRO BEIJO

O primeiro beijo da vida de meu amigo Joel aconteceu atrás de uma árvore, a mesma árvore atrás da qual um dia ele esconde-se para espionar sua amada. O primeiro beijo a gente nunca esquece, o primeiro beijo é uma ocasião especial na vida de todo jovem, desde criança ele espera e se prepara para isso seja em brincadeiras com o espelho onde ele beija o seu próprio reflexo, seja em brincadeiras com bonecas onde ele encena o beijo do papai e da mamãe, e eu particularmente acho esse tipo de brincadeira bastante positivo porque o primeiro beijo pode ser uma experiência traumática se não atender pelo menos em parte as expectativas da rica imaginação adolescente. Como todo o jovem meu amigo tinha uma boa experiência teórica a esse respeito mas na prática é bem diferente e Isabel aproveitou-se muito bem dessa diferença.

Atrás daquela árvore, depois de breve relutância em nome de um falso pudor Isabel atendeu meu amigo que quase implorava por um beijo, mas perversa como ela só, permitiu apenas um beijo na face. O que é uma gota de carinho pra quem quer experimentar um oceano de amor?

O beijo no rosto era apenas uma estratégia, após Joel beijar docemente sua face, ela o agarrou fortemente com ambas as mãos atrás da nuca e com um violento beijo, deflorou os lábios virgens de meu amigo Joel e em seguida entrou correndo em sua casa deixando-o sozinho atrás da árvore confuso, boquiaberto e com a impressão de ter feito alguma coisa de errado.

Ao chegar em sua casa, meu amigo telefonou pra Isabel, a pedido da filha a mãe de Isabel informou que a moça já estava dormindo e pediu para que ligasse no outro dia.

Ele só queria pedir desculpas, só queria desejar boa noite, só queria ouvir a voz de Isabel Cristina. O beijo não saía de sua cabeça, deitado em sua cama com os olhos fechados, ele passava os dedos por entre os lábios, o sabor da doce saliva de Isabel permanecia em sua boca, ele lembrava e relembrava cada detalhe daquele momento sublime, podia sentir o gosto da língua de Isabel, a atrito dos dentes dela trombando com os dele, o cheiro de suor misturada com o mais fino perfume floral.

Na manhã seguinte meu amigo acordou feliz e elétrico sorrindo pra tudo e pra todos, cumprimentou o canarinho que cantava triste na gaiola, beijou a sãmbaia de sua mãe, pegou um pedaço de pão com queijo e goiabada e saiu apressado despedindo-se aos gritos de sua mãe e irmãos, pegou o circular, deu gorjeta ao cobrador e como se fosse um político em época de eleição acenava pra todo mundo.

Um ônibus sempre foi um lugar bom para reflexão e para planejar a vida, pelo menos na opinião de meu amigo, e foi no ônibus que ele viu que estava na hora de trabalhar, pois praticamente já estava namorando e não podia depender do dinheiro da família para o resto da vida, voltaria a estudar, um homem sem um diploma não consegue ser nada na vida, o caminho era por aí, naquele mes-

mo dia depois de ver Isabel Cristina ele sairia à procura de emprego e de matrícula em uma boa escola.

Era cedo, nem oito horas e já tocava a campainha da porta de Isabel, nem se lembrava que a mãe de sua amada ainda poderia estar bronqueada pela noite do porre, ou melhor, do pilequinho. A mãe abriu a porta, ao ver a cara de Joel fez a mesma cara que a gente faz de domingo de manhã quando um testemunha de Jeová bate a nossa porta, sem ao menos cumprimenta-lo e deu-lhe a costa e com uma vos estridente que levou meu amigo Joel quase ao arrepio, gritou para a filha: "Bel, e pra você". O ruim das mães e que toda a mãe e uma sogra em potencial.

Carina a irmãzinha saiu a pedido de Isabel e pediu para que meu amigo esperasse enquanto ela se arrumava, ofereceu um café, meu amigo preferiu um chá, só não imaginava que seria um chá de cadeira.

Mais de uma hora depois, depois de escutar Carina fazer todo o tipo de pergunta cretina, depois de escutar as histórias da vida de cada uma das bonecas de Carina, depois de ter que escutar e aplaudir, tudo por amor, a imitações que a menina fez de tudo quanto e loira televisiva, depois de tudo isso Isabel apareceu como uma fada redentora e compensou todo o martírio causado pela espera e por Carina.

Saíram para comprar alguns alimentos no supermercado, curiosamente Isabel Cristina não deixou Joel segurar em sua mão na verdade o idiota do meu amigo só foi para pagar e carregar as compras. Eu sentia pena do meu amigo, todo mundo sabia que ele iria acabar se machucando e muito, não foi pouco às vezes que eu tentei alertá-lo, não só eu, mas todos que gostavam dele, todavia ele estava enfeitado e não aceitava nenhum tipo de argumentação.

Em troca de alguns carinhos ele fazia qualquer coisa, estava ficando caro manter os caprichos de Isabel e como não conseguia emprego melhor, começou a trabalhar em um depósito de material de construção onde quase se arreventou descarregando caminhões.

Certo dia, já insatisfeito por não receber nada em troca de sua dedicação por Isabel, meu amigo Joel exigiu uma prova de amor mais significativa, interiormente Isabel ficou contente, já estava na hora de Joel conhecer os maiores segredos do amor e ela estava satisfeita por ser a primeira a mostrar, o que nem ela poderia imaginar e que o conceito de demonstração de amor era algo totalmente inusitado na concepção de meu amigo, ou seja, ele queria selar a relação através de um pacto de sangue. Foi quando Isabel Cristina começou a temer por sua integridade física, ela sabia que meu amigo não era de forma alguma violento, muito pelo contrário, era extremamente carinhoso e cavalheiro, esse pacto de sangue era apenas uma tentativa extrema de demonstração de amor, todavia era preciso ficar atenta pois ela sabia que ele não sabia que ela não o amava e quando ele viesse a saber ele poderia ficar violento pois e do conhecimento de todos que a fronteira entre o amor e o ódio é muito estreita.

Com muito jeito, Isabel conseguiu convencer meu amigo Joel de que um pacto de sangue não era a coisa mais sensata a fazer, ele ainda argumentou poeticamente que o amor nunca é sensato, a saída encontrada por Isabel foi inverter a situação se fazendo de vítima, afinal quem precisava de uma prova de amor era ela, e ela exigiu essa prova. Ansioso para provar seu amor, Joel jurou a Isabel que tudo que ela quisesse ele faria, pois para um amor tão grande, nenhuma montanha seria intransponível, nem o fundo mais profundo dos oceanos seria inacessível, nenhuma estrela estaria longe de mais.

A prova que Isabel Cristina pediu não fez justiça as expectativas de meu amigo, ela pediu que ele arrumasse um carro e a levasse a um motel. Nada de muito difícil, o problema é que ele não sabia dirigir. Sugeri ir de taxi, Isabel ficou surpresa, será que ele não sabia o que iam fazer no motel!?!

Marcaram para o sábado, iriam alugar um carro e Isabel dirigiria.

Não era do agrado de meu amigo antecipar a lua de mel, ele, romântico, católico, acreditava que sexo antes do casamento era pecado, bom era se guardar, e claro que muitas e muitas vezes ele desejou adormecer nos braços de Isabel depois de se faltar de amor, mas a beleza está em esperar, em se guardar, em sonhar com uma lua de mel abençoada pelo sacramento do matrimônio, todavia se era para provar seu amor ele estava disposto a abrir mão deste sonho.

A PRIMEIRA VEZ

No sábado a caminho do motel nem um dos dois ousou falar nada, Joel ficou calado porque não sabia o que dizer, Isabel Cristina ficou calada porque sabia que era melhor não dizer nada. Já no quarto, abraçaram-se, beijaram-se e Isabel se retirou ao toalete, quando ela voltou:

Quando ela voltou; Bem eu confesso que não estou preparado a pormenorizar o que aconteceu naquele quarto de motel, acontece que esta é a minha primeira experiência como escritor e eu temo vulgarizar um momento tão bonito, e claro que eu tenho a consciência de que esta história não está se tornando nenhuma obra literária, mas nem por isso eu tenho o direito de avacalhar o romance de meu amigo.

Após consumarem o ato de amor, ficaram em silêncio olhando para o teto espelhado, meu amigo Joel sentia-se como se não fosse mais uma única pessoa, sentia-se como se sua alma tivesse sido fundida a alma de Isabel Cristina, parecia que a partir daquele momento tudo que um sentisse o outro sentiria também, já Isabel Cristina sentia apenas uma incrível vontade de fumar.

Ainda na cama a olhar para o teto meu amigo achou-se no dever de pedir Isabel Cristina em casamento, mais que um dever era um desejo, mais que um desejo era uma obsessão, e ele pediu.

--Casar pra que? Perguntou Isabel, meu amigo ficou indignado com aquela pergunta. "Como, pra que?" Pra torna-la uma mulher honrada novamente, pra constituir família, pra ter uma casa, um jardim, um cachorro, pra ter muitos filhos, etc.

Pobre amigo meu, tudo que ele tinha na vida era sonhos, sonhos e muito amor pra dedicar a uma pessoa que não merecia nem sua amizade, nem sua compaixão. Como sempre ela enrolou Joel fugindo de seu pedido de casamento pela tangente sem que ele percebesse que ela só queria era passar o tempo com ele, só queria aproveitar a juventude dele para satisfazer seu ego e seus desejos sem nenhum compromisso posterior.

Ao chegar em sua casa meu amigo chorou, trancado em seu quarto ele chorou como nunca havia chorado, chorou baixinho pra ninguém escutar, chorou aos soluços como um homem feito, chorou porque ela disse não, chorou porque sabia que ela não o amava como ele a amava. Mas o que fazer? Era isso que o angustiava, talvez ele estivesse errado, ele torcia para estar errado, talvez ela o amasse um pouquinho, talvez ela o amasse muito, mas por medo de sofrer como ele estava sofrendo não conseguia se entregar totalmente ao amor.

Mesmo sofrendo muito meu amigo resolveu não procurar mais Isabel Cristina, queria que ela sentisse saudades e o procurasse para variar porque foi ele quem sempre telefonou, quem sempre foi a casa dela para mendigar uma migalha de atenção.

FEBRE DE AMOR

Vários dias se passaram, Isabel estranhou o fato de ele não aparecer, mas não deu muito importância, ela sonhava alto, alto de mais para meu amigo Joel alcançar e já era tempo de terminar o namoro antes que fosse tarde de mais. Já era tarde de mais, meu amigo já estava doente por causa de Isabel Cristina, doente de verdade, doente de saudade porque não agüentava ficar sem ver Isabel Cristina. Uma noite a meia noite, a campainha tocou insistentemente, a mãe de Isabel acordou assustada, era a mãe de Joel que pedia encarecidamente que Isabel Cristina a acompanhasse até sua casa pois o filho febril e delirante estava quase morrendo e só conseguia balbuciar o nome de Isabel Cristina.

A moça sonolenta se recusou a ir, alegou estar cansada e que tinha um compromisso importante logo pela manhã, a mãe de meu amigo Joel insistiu, chorou o choro de uma mãe desesperada, relatou que já haviam tentado de todos os meios para baixar a febre de meu amigo mais nada deu resultado, o médico da família afirmou que se aquela febre continuasse tão alta meu amigo correria risco de vida ou de ficar com alguma seqüela. Diante do desespero da colega, a mãe de Isabel Cristina foi ao quarto da filha e a fez levantar e ir.

Chegando ao quarto de Joel Isabel se espantou, desde o dia do motel ela ainda não o tinha visto, mais não podia compreender como um jovem saudável e bonito envelheceu tanto em tão pouco tempo.

Meu amigo Joel estava estendido na cama mergulhado em uma possada de suor frio, estava vinte quilos mais magro, seu rosto gotejado de suor tinha uma aparência cansada e triste, ele tremia e de quando em quando sofria de uma espécie de convulsão. Entre os gemidos do rapaz, Isabel conseguiu distinguir seu nome e respondeu: "Estou aqui."

Ao ouvir a voz de Isabel, imediatamente meu amigo Joel reagiu, foi como se ocorresse uma metamorfose no corpo dele, parou de tremer, de suar, sua respiração ficou menos ofegante, aos poucos a febre baixou e ele dormiu em paz. Eu queria dizer que Isabel teve compaixão de meu amigo, mais eu sei que ela não é o tipo de mulher que tem compaixão, o máximo que se pode esperar deste tipo de mulher é que ela sinta pena, ou que ela sinta dó, do e pena são sinônimos mais o que ela sentiu por Joel foi dó, eu sei porque como bom amigo eu também estava presente rezando para a melhora de meu amigo e vi ela sentir dó. Dó é pior que pena, o bom é compaixão, se alguém tiver dó de mim eu dispenso, pena eu até aceito, mais se eu puder escolher eu quero é compaixão porque compaixão é muito mais reconfortante.

Isabel Cristina, por dó, dormiu aos pés de meu amigo Joel.

Os primeiros raios de sol que entraram pela janela despertaram meu amigo do sono profundo em que ele estava, ao sentar-se na cama ele deparou-se com a imagem encantadora de Isabel Cristina que estava adormecida debruçada aos seus pés, com a cabeça ainda girando pelo efeito da febre e dos remédios que tomara, pensou ser uma alucinação, sacudiu a cabeça e esfregou os olhos

para confirmar se seus olhos não estavam lhe pregando uma peça. Sua amada continuava ali.

Com todo o cuidado do mundo Joel aproximou-se de Isabel Cristina e como se fosse macular uma santa, afagou seus cabelos negros.

Isabel despertou com um sorriso que mais parecia um arco íris.

Radiante, com os olhos brilhantes meu amigo pegou uma rosa branca que estava em um vaso sobre o criado mudo e delicadamente prendeu nos cabelos de Isabel, a moça sorriu e falou da alegria de vê-lo tão disposto e romântico, conversaram baixinho como um casalzinho apaixonado, ela perguntou porque ele não mais a procurou, ele disse que era pra ver se ela sentia saudades, ela confessou ter sentido saudades, mas não o procurou porque achava que ele não a queria mais depois da noite no motel, e ficaram cochichando e rasgando seda até que a mãe de meu amigo entrou no quarto e feliz da vida o obrigou a tomar um café de fazer inveja a um rei.

Após esses acontecimentos o romance de Isabel Cristina e meu amigo Joel passou por um período de tranquilidade, meu amigo se conformou com o jeito frio de Isabel Cristina e continuou se dedicando totalmente a amada.

Um amigo da família conseguiu encaixar Joel em uma grande empresa pra trabalhar no almoxarifado, com isso ele conseguiu mais dinheiro para satisfazer os caprichos de Isabel Cristina, por outro lado Isabel estava ansiosa, acabara de concluir o curso de administração de empresas e queria alcançar sucesso na vida e sabia que não iria conseguir nada se ficasse acomodada em uma pequena cidadezinha paulistana como era aquela que ela morava. Sem que ninguém soubesse Isabel traçou seus planos para o futuro, na primeira oportunidade se mudaria para a Capital, lá procuraria um emprego condizente com sua ambição, e se fosse necessário usaria seu charme para conquista um homem rico até conseguir se estabelecer. Ela sabia que não seria tão fácil assim, precisaria se estruturar para não ter que voltar pra casa fracassada, então ela tirou a carteira de habilitação, sim porque uma mulher independente tem que dirigir seu próprio carro, e exigiu sua parte na herança que o pai havia deixado ai era só esperar que o tempo se encarregasse de manda-la pra são Paulo.

Meu inocente amigo nem desconfiava das intenções de sua amada, estava cada vez mais envolvido, fazia planos que giravam em torno da imagem de Isabel Cristina, queria casar, ter filhos, uma casinha branca com quintal e uma janela para ver o sol nascer como diz a musica.

O FORASTEIRO

Em um dezembro, o primeiro dezembro em comum na vida dos dois, estavam sentado em uma mesa de bar, Isabel e meu amigo, comemorando o aniversário de uma amiga, era uma noite quente de lua cheia, as mesas do bar estavam espalhadas pela calçada, praticamente toda a juventude da pequena cidade estavam presente porque havia terminado o ano letivo e aquele bar era uma das únicas opções de lazer, foi quando surgiu não se sabe de onde um carro em alta velocidade que se aproximou cantando os pneus arrancando gritos dos presentes e quase derrubando as mesas.

Era um opala azul metálico quatro portas, tinha uma aparelhagem de som que mais parecia uma discoteca e estava a todo volume chamando a atenção de toda a cidade. A moçada presente ficou parada para ver o autor da façanha sair do carro, a porta do carro se abriu e um baiano com cara de servente de pedreiro saiu do carro, o baiano trajava uma camiseta regata verde abacate surrada, botina de couro cru, uma calça azul desbotada com o cinto apertado a cima do umbigo e óculos escuros importado.

Nossa amiga aniversariante saiu correndo ao encontro do forasteiro, eu digo nossa amiga porque a moça que estava aniversariando também era minha amiga e eu estava lá junto, comemorando.

O baiano era primo dessa nossa amiga, morava em São Paulo e veio para passar o final de ano na casa da prima.

Os olhos de Isabel Cristina brilharam de uma maneira estranha ao ser apresentada pela amiga ao forasteiro, meu amigo viu o brilho e teve ciúmes mas isso não era novidade nem mesmo pra ele pois tinha ciúmes de tudo e de todos quando se tratava de Isabel Cristina.

O primo de nossa amiga chamava-se Argemiro, era um sujeito simplório de maneiras rudes, falava alto, bebia nos copos dos outros, palitava os dentes a toda hora e gostava de dar tapas nas costas das pessoas, tudo isso fez com que o ciúme que meu amigo Joel estava sentindo a princípio se dissipasse, a final aquele não era o tipo por quem uma mulher sofisticada como Isabel se interessaria.

Apesar de tudo Miro era simpático e logo se tornou bem popular entre a juventude local. Tão popular que a sociedade conservadora da cidade começou a temer as conseqüências da convivência de seus jovens com o exótico forasteiro.

O tumulto causado pelas maneiras anticonvencionais de Miro, como, por exemplo, coçar a virilha toda vez que uma mulher bonita aparecia, foi tal que as senhoras beatas chegou a solicitar uma reunião extraordinária na câmara dos vereadores, essa insensatez só não ocorreu por que um dos vereadores mais esclarecidos, após conversar com os parentes de Miro, garantiu que ele ficaria por poucos dias, um mês no máximo.

As festas natalinas estavam se aproximando e Joel se preparava para o primeiro Natal ao lado de Isabel Cristina.

Influenciado por Miro, eu, meu amigo e Isabel juntamente com outros jovens decidimos passar a Noite de Natal acampando junto a uma cachoeira existente nos arredores de nossa cidade. Foi uma experiência inédita, ficamos deslumbrados com as histórias contadas por Miro. Nós, jovens interioranos, caipiras, nunca tínhamos visto o mar, mas naquela noite de Natal sentimo-nos como se realmente tivéssemos em uma praia participando de um (Lual), mesmo estando no meio do mato na beira de um córrego.

Pernilongos à parte, aquele Natal foi inesquecível pra meu amigo, sua amada lhe deu um par de tênis e ele a presenteou com um lindo anel de ouro branco com um minúsculo diamante. Deitados na relva, olhando as estrelas estavam Joel e Isabel a namorar enquanto contemplavam a lua cheia, foi nessa hora que meu amigo pediu Isabel em casamento.

Esse pedido pegou Isabel de surpresa, ela sabia que meu amigo a amava e que nunca na vida acharia outra pessoa como ele mais seus planos eram outros e meu amigo Joel não estava incluído porque ele era muito pouco ambicioso.

Isabel já sabia qual resposta daria a Joel, mas não queria magoa-lo, não naquela noite feliz e pediu um tempo para pensar.

Sete dias fora o tempo dado por meu amigo, no ano novo Isabel teria que dar a resposta. Se a resposta fosse sim meu amigo seria o homem mais feliz do mundo, porém se a resposta fosse negativa não iria fazer muita diferença para o meu amigo Joel, pois naquele momento o mais importante para ele era ficar ao lado de Isabel Cristina porque ele sabia que ela não o amava mais tinha certeza que com o tempo poderia conquista-la.

O ADEUS

Quinta feira, 31 de Dezembro de 1987 foi o dia mais triste da vida de meu amigo, eu me lembro como se fosse ontem:

Estava eu e Joel em sua casa, ele havia me confidenciado o pedido que fizera a Isabel Cristina na noite de Natal, como se fazia tarde e sua amada ano aparecia, resolveu ele ligar pra casa dela pra saber se havia algum problema.

Eu observei que meu amigo ficara transtornado ao falar ao telefone e deduzi pela expressão de seu rosto que alguma coisa muito seria estava acontecendo.

Isabel Cristina sem nenhuma explicação estava saindo da cidade para não mais voltar. Com aquela noticia meu amigo Joel perdeu a noção da realidade, deixou o telefone cair e saiu correndo feito louco pelas ruas cidade, eu sai atrás dele mais não consegui acompanhá-lo, pois ele corria demais. Procurei um táxi, não havia táxi trabalhando na noite de ano novo.

Como um lunático Joel corria pelas ruas de paralelepípedo atropelando pessoas e latas de lixos.

Já estava no fim de suas forças quando chegou próximo a casa de sua amada, todo sujo e com os braços e joelhos esfolados devido a algum tombo que levava em seu frenesi desesperado.

Ao avistar de longe sua amada perdeu definitivamente o controle de seu corpo cansado e se rendeu abraçado a uma arvore. A mesma arvore onde se escondeu um dia para espionar Isabel Cristina, a mesma arvore que foi testemunha do seu primeiro beijo. Amparado pelos galhos solidários da árvore amiga, meu amigo sofreu a maior dor que um homem apaixonado pode sofrer, a dor da traição.

Toda arrumada e cheia de malas Isabel Cristina entrou em um opala azul metálico quatro portas que partia em direção a são Paulo.

O carro sumiu na esquina e começou a chover, era como se os céus chorassem a dor de meu amigo.

Encontrei meu amigo sob a árvore sentado em cima das pernas, estava paralisado olhando pra lugar nenhum, seu rosto triste era lavado pela chuva, tive a impressão de ver uma lagrima misturada com as gotas de chuva, acho que não era só impressão.

Levei Joel pra casa, fomos a pé, parecia que eu estava conduzindo um zumbi, ele não falava, não piscava não esboçava nenhuma expressão facial, simplesmente andava direcionado por meus braços, solidário, também não disse nada, dizer o que? Talvez a chuva que caia insistentemente pudesse de alguma forma consola-lo. Apesar da chuva, apesar de Isabel, apesar de tudo, a noite estava muito bonita, afinal era a ultima noite do ano, a cidade continuava enfeitada, as árvores de Natal continuavam montadas enfeitando os jardins das casas, luzes coloridas continuavam espalhadas por toda parte. A água da chuva provocava um efeito mágico ao escorrer por sobre os enfeites natalinos e em seguida se transformava em enxurrada. A enxurrada lavava os paralelepípedos da rua e

em seguida corria como se fosse esconder-se no riacho que corta nossa pequena cidade.

Por mais de uma semana meu amigo Joel ficou trancado em seu quarto, sem comer, sem falar com ninguém e sem ver a luz do sol, sua mãe, preocupadíssima chamou um medico mais ele se recusou a ser consultado, não recebia parentes nem amigos, eu mesmo tentei varias vezes falar com ele mais foi em vão.

Em uma determinada manha, ele tomou coragem e abriu a janela.

Sem pedir licença o sol invadiu seu quarto deixando-o praticamente cego, ele abriu os braços e deixou que o sol aquecesse seu corpo nu. Pouco a pouco ele retomou sua vida, todavia não mais conseguiu ser a mesma pessoa, nunca mais sorriu, ele até ficou feliz, até deu risadas, até gargalhou mais nunca mais sorriu verdadeiramente porque seus sorrisos, risadas ou gargalhadas jamais conseguiram ocultar a dor e a tristeza que ofuscava o brilho de seus olhos.

Desde aquele dezembro meu amigo nunca mais a viu, ouvira falar que ela tinha casado-se com Argemiro e que morava no bairro do Bexiga em são Paulo, outros falavam que ela estava morando no exterior e muitas outras conversas surgiram sobre o paradeiro de Isabel.

Depois que Isabel partiu, meu amigo tornou-se um homem frio, solitário, sem amigos. Tinha medo de se aproximar das pessoas e ser traído novamente, tinha medo de se apaixonar e sofrer de novo, então, na tentativa de se proteger, mergulhou em livros, musicas e filmes antigos, tornou-se chato.

Dez anos se passaram sem que mulher alguma ocupasse o lugar de Isabel Cristina no coração e na mente de meu amigo, mas surgiu Maria do Socorro, uma mulher que era totalmente o oposto de sua antiga amada, diferente mais tão fascinante quanto. De uma beleza simples, vivia sorrindo, era agitada, alegre e extrovertida, não se preocupava com etiquetas e nem com aparências, era totalmente autentica. O jeito carismático de Maria do Socorro fazia Joel lembrar da noite em que Isabel Cristina ficou bêbada, na verdade qualquer detalhe fazia meu amigo Joel lembrar seu antigo amor.

Maria do Socorro sorriu a ver meu amigo e sentiu-se ao lado dele, cumprimentaram-se, fizeram comentários a respeito do tempo "Que calor" e a conversa correu de uma maneira sem graça por mais de meia hora, mais foi uma conversa proveitosa para Joel, pois ele soube que ela estava descomprometida e carente, sua família morava no Rio e ela acabara de romper com o namorado.

Uma sensação de otimismo e segurança tomou conta de meu amigo, ela não disse, mas meu amigo tinha certeza que ela havia sido traída e isso era bom porque qualquer um que experimentou dor de corno pensa duas vezes antes de trair.

O PILEQUE DE MARIA DO SOCORRO

Sexta era folga da babá e combinaram de tomar um chope.

Cidade pequena não tem muitas opções e eles foram à mesma lanchonete onde Isabel havia ficado bêbada, por coincidência sentaram-se na mesma mesa e foram servidos pelo mesmo garçom. Diante destas coincidências meu amigo achou que seria interessante verificar como Maria do Socorro se comportaria sob efeito do álcool. Não foi difícil embriaga-la, difícil foi fazê-la parar de beber. Se arrependimento matasse eu não tinha mais amigo, nos seis primeiros chopes ela estava alegre, tranqüila, mais à medida que bebia entrava em de pressão, não demorou muito e estava aos prantos.

Era de dar do, eu sei que eu sou contra sentir do mais ha situações que e impossível não sentir do, porque ela estava indefesa, totalmente exposta, estava ridícula. Meu amigo Joel pagou a conta e a obrigou a ir embora, só que ele não podia leva-la pra casa, ele nem sabia onde ela morava, e mesmo que soubesse como ele iria se explicar para os patrões da moça, sim porque ela morava no emprego.

Sem saber o que fazer ele a levou a uma velha e conhecida praça a fim de esperar o porre passar.

Com a língua enrolada e chorando muito, Maria do Socorro queixou-se da saudade que sentia de seu namorado, contou que ele a trocou por uma viúva rica. Disse que ele era um cafajeste mais que mesmo assim ela o amava. Meu amigo Joel sentiu ódio do tal sujeito, queria mata-lo, ele nunca teve ódio de ninguém, era um sujeito pacifico mais o seu ódio aumentou mais ainda quando Socorro lhe mostrou marcas das surras que ela levava. Meu amigo Joel fechava os olhos e via Argemiro, sem motivo algum ele achava que o ex. namorado de Maria do Socorro tinha a cara do Miro e isso lhe dava mais raiva ainda.

Sentir pena de Maria do Socorro era sentir pena de si mesmo, o ex. namorado da babá podia até se parecer fisicamente com Miro mais o caráter era igual o de Isabel Cristina.

O que o ex. da Socorro fez não foi diferente que fez sua ex. e isso só o identificava mais ainda com a babá.

Eram três horas da madrugada quando Joel conseguiu leva-la para casa, foi um dia emocionalmente cansativo, talvez vez fosse melhor não ver mais Maria do Socorro, pensou meu amigo Joel, porém já era tempo de deixar de temer as mulheres, de deixar de temer o amor, alem do mais Socorro não era como Isabel, dessa vez ia ser diferente.

A saudade não deixou meu amigo esquecer Maria do Socorro, e logo pela manha do dia seguinte, estava ele de plantão em frente ao portão da residência onde Socorro trabalhava esperando uma oportunidade de poder falar com ela. Por sorte, a moça saiu para ir até a padaria, meu amigo interceptou-a e acompanhou-a até a esquina onde se localizava a padaria.

Na padaria Socorro pediu desculpas pela noite anterior, disse que não estava acostumada a beber e que era a primeira vez que tinha acontecido uma coi-

sa daquelas com ela, Meu amigo Joel fingiu que não tinha dado nenhuma importância ao fato ocorrido e a convidou para sair novamente, como ela tinha que trabalhar, combinaram de almoçar no domingo, o almoço seria na casa de meu amigo Joel.

Na casa de Joel, domingo sem macarrão não é domingo e a mãe dele preparou sua especialidade, espaguete ao molho de sardinha enlatada com muito óleo. Socorro adorou a iguaria, e a mãe de meu amigo adorou a babá, ela até comentou com Socorro que a ultima namorada de seu filho detestava macarrão com sardinha, onde já se viu não gostar de macarrão com sardinha!

Foi um típico e feliz domingo em família, ficou evidente o interesse de Maria do Socorro por meu amigo e vice-versa, a mãe de Joel, animada pela possibilidade de ver o filho finalmente desencalhado, relatava orgulhosa todas as qualidades do filho.

Oficializaram o namoro quinze dias depois em um outro almoço na casa de meu amigo Joel, o almoço domingueiro tornou-se rotina e a mãe de meu amigo até se dispôs a ensinar o segredo do famigerado espaguete ao molho de sardinha enlatada com muito óleo.

Continuaram a se conhecer por meses e quanto mais o tempo passava mais meu amigo se convenciu de que estava no caminho certo, ele a amava, não da mesma maneira que amava Isabel Cristina, mas a amava, sim, ele ainda não tinha esquecido Isabel, mas Isabel era passado.

Certo dia, ao consultar um calendário para preencher um formulário no seu novo emprego, Joel se surpreendeu com a maneira que o tempo passou, já era agosto e ele não tinha atingido nenhum progresso naquilo que ele se propôs no início do ano, não tinha nem achado um assunto para o seu livro e filho, só para o ano seguinte. Mais ele não desistiria, não importava se não havia tempo hábil para a criança nascer naquele ano, mais era preciso encomendar o mais rápido possível e naquele mesmo dia ele falou com Maria do Socorro sobre o assunto filho.

Maria do Socorro adorou a idéia de ser mãe, ela tinha muito jeito com criança e sempre quis ter um filho, só não teve porque seu ex não queria, ela confidenciou a meu amigo que certa vez quase morreu de tanto apanhar porque seu período menstrual atrasou, e seu ex a acusou de ter engravidado propositamente para o obrigá-lo a casar-se. Meu amigo Joel ficou furioso, só um animal, ou melhor, nem um animal a agrediria a uma mulher grávida, nem grávida e nem de jeito algum, homem que é homem não bate em mulher.

Como a ocasião parecia propícia, já que ambos queriam ter um filho, pareceu conveniente a meu amigo Joel pedir Maria do Socorro em casamento e foi o que ele fez. Com toda a sinceridade do mundo socorro disse ter muito carinho por meu amigo, porém confessou ainda estar apaixonada por Sebastião. Sebastião era o nome do seu ex-namorado.

Como ela poderia ama-lo se ele vivia espancando-a? Perguntou meu amigo. Ela argumentou que só apanhava quanto Sebastião ficava nervoso ou

quando estava bêbado, mais em seguida ele se arrependia e pedia desculpas, ia até o bar e comprava doces para agrada-la, segundo a babá, na maioria das vezes ele era carinhoso e até poético, nas palavras da própria Maria do Socorro ele era um "bico doce".

Às vezes o amor não parece ser essencial num relacionamento, às vezes o importante é respeito é amizade, o amor é consequência, e foi sob este ponto de vista que Maria do Socorro e Joel resolveram contrair matrimônio, marcaram para o fim daquele ano, mais propriamente para o final de novembro.

Enquanto namoravam e se preparavam para o casório de meu amigo decidi conquistar Maria do Socorro de uma vez por todas afinal quem garantiria que Sebastião não iria voltar. Para realizar esta difícil tarefa meu amigo Joel se aprofundou nas intimidades de sua futura esposa, era preciso conhecer os gostos de uma mulher para cativa-la. A quem diga que todas as mulheres são Iguais, eu não discordo toalmente, mais acredito que todo ser humano tem suas particularidades, se assim não fosse de que diferiríamos das formigas?

As formigas são iguais, por isso conseguem viver em perfeita harmonia.

Meu amigo Joel descobriu que Socorro gostava de poesia, Sebastião compunha-lhe alguns versos todas as vezes que ela se mostrava decidida a não lhe perdoar por uma eventual agressão. Esta descoberta não serviu para muita coisa, pois Joel não tinha nenhuma intimidade com palavras e rimas, mas como o amor vale qualquer sacrifício ele estava disposto a arriscar alguns rabiscos, talvez se combinasse versos de musicas antigas poderia obter bons resultados. As musicas antigas são as mais bonitas e Socorro definitivamente não conhecia algumas pérolas como "Chão de Estrelas, Estatua Majestosa, A Deusa de Minha Rua" e outras tantas que enriquecem nossa cultura, foi o que ele fez, garimpou um verso aqui, outro acolá e de repente um lindo poema havia sido tecido.

Apesar dos versos terem sido copiados de musicas famosas o poema de meu amigo não deixou de ser artístico, pois ele foi muito feliz na escolha dos versos e no casamento das rimas, eu ficaria contente em reproduzir o poema de meu amigo neste livro, entretanto o único exemplar ficou nas mãos de Socorro que a esta altura já deve tê-lo perdido. Mesmo meu amigo tendo se esforçado para confeccionar o poema, eu devo dizer que todo seu esforço foi em vão, pois o poema se tornou erudito de mais para a simplicidade de Maria do Socorro que mesmo achando bonito não conseguiu captar os sentimentos de Joel.

ALARME FALSO

Os sentimentos de meu amigo eram de fato profundos, mesmo sem esquecer Isabel Cristina definitivamente ele estava completamente apaixonado por Maria do Socorro, ele é assim mesmo, não tem meio termo, quando ama, ama ao extremo. Foi por isso que ele evitou relacionar-se por tanto tempo, ele já estava calejado, sabia que quando maior o amor maior o tombo. Seu maior temor naquele momento era que Sebastião voltasse, assim como ele não esquecera Isabel, Socorro também não havia esquecido Sebastião.

Quase todas as noites ele se viam, Socorro morava num quartinho nos fundos da casa de seus patrões e meu amigo Joel entrava pelo portão de serviço que ficava um tanto quanto oculto da vista dos patrões e dos vizinhos abelhudos, estavam tratando de encomendar o filho tão desejado.

Em um desses encontros meu amigo relatou a Socorro o seu temor a respeito de uma eventual volta de se ex-namorado, era como se ele pressentisse que isso seria inevitável por isso implorou a babá que lhe jurasse não abandoná-lo, Socorro jurou e eles fizeram amor.

A pouco menos de um mês do casamento, Maria do Socorro toda sorridente telefonou para casa de meu amigo Joel e eufórica disse que sua menstruação estava três dias atrasada, foi uma festa, ele correu até a casa de Socorro para comemorar, a moça mais realista pediu calma, não era a primeira vez que aquilo acontecia com ela, poderia ser um alarme falso.

Meu amigo Joel não se intimidou com as palavras de Socorro, saiu para todo canto anunciando a boa nova, eu, como melhor amigo dele fui o primeiro a ganhar um charuto, ele estava tão contente que tomou um porre, foi a primeira vez que eu o vi embriagado, nem mesmo no auge do seu amor por Isabel ele bebeu daquela maneira, mas quando é por felicidade um excessozinho não faz mal.

Infelizmente a alegria durou pouco, no dia seguinte enquanto Joel esperava que Maria do Socorro acabasse de tomar banho para ir ao hospital fazer exame para confirmar a gravidez, meu amigo ouviu um grito, era Socorro, a menstruação acabara de descer.

Foi um choque para meu amigo, era como se ele acabara de perder um filho que nunca existiu.

NOTÍCIAS DE SEBASTIÃO

Poucos dias depois do lamentável ocorrido, Maria do Socorro estava na porta do serviço de Joel esperando o final do expediente para falar-lhe, ela estava visivelmente nervosa.

Ao ver a expressão de Socorro meu amigo logo percebeu que alguma coisa tinha acontecido.

Sebastião me procurou. Disse Socorro com tom de seriedade e de preocupação. Meu amigo Joel perguntou se ele tinha ido até seu emprego, não ele havia telefonado, ainda não estava na cidade, mais disse que estava voltando e que queria reatar o namoro. Realmente era um problema, mais meu amigo Joel não entendeu o porque de tanto nervosismo, Maria do Socorro explicou que Sebastião era muito violento e ela tinha medo do que ele poderia fazer ao saber que ela estava de casamento marcado.

As coisas não eram assim. Argumentou meu amigo estamos no final do século vinte e hoje em dia não se pode ficar a mercê de um idiota que pensa que pode conseguir tudo na base da violência e intimidação, “pra quê que existe polícia?”

A primeira coisa que Joel fez depois de acalmar Socorro foi me procurar pra se aconselhar. Eu lhe disse que a primeira coisa a fazer era se certificar que Socorro realmente não tinha nenhuma intenção de voltar pro tal Sebastião, depois era comunicar o fato ao delegado e comprar uma arma, pois de acordo com Maria do Socorro o cara era um mostro de grande e era obrigação de meu amigo defender sua mulher.

Assim foi feito, meu amigo voltou a casa de Socorro e perguntou o que ela realmente sentia por Sebastião, ela disse que só sentia ódio.

Todos sabem que a fronteira entre o amor e o ódio é estreita, às vezes tão estreita que é capaz de confundir olhos menos aguçados.

O tom de voz e a maneira que Socorro falou a respeito de Sebastião, a princípio não convenceram totalmente meu amigo Joel, mas depois ele achou que sua desconfiança não tinha o menor fundamento e decidiu que ia proteger sua amada e seu futuro casamento a qualquer preço.

Ele foi até a delegacia e comunicou o fato ao delegado, cidade pequena é bom por isso todo mundo conhece todo mundo e o delegado conheceu o pai de meu amigo e sabia que eram boa gente, entretanto não pode fazer nada, pois nenhuma ameaça foi verdadeiramente feita e o suposto meliante, nem na cidade estava. O delegado aconselhou Joel a esperar para ver o que acontecia, não podia fazer um boletim de ocorrência mais fez um registro informal para preservar os direitos de meu amigo caso alguma coisa desagradável acontecesse.

Não foi o suficiente para deixar meu amigo Joel tranquilo e ele pra melhor se prevenir pegou, escondido de sua mãe, uma antiga arma de seu pai que estava escondida em uma bolsa de couro em cima do guarda-roupa, era um revolver tipo garrucha, desta de dois canos e dois tiros, parecia uma peça de museu.

Fomos, eu e ele, testar a garrucha no meio do mato, Joel nunca tinha atirado, eu aprendi a atirar no serviço militar, ele não prestou serviço porque na sua época o tiro de guerra estava com excesso de contingente.

Apertamos o gatilho dez vezes, funcionou apenas quatro. Quando se trata de defender a própria vida temos que considerar que quarenta por cento de êxito não é exatamente o ideal, por isto fomos atrás de uma nova arma. O dono da loja de armas, um senhor muito gentil, examinou a garrucha e disse que não havia nada de errado, o problema era a munição, haviam se estragado com o tempo. Compramos uma dúzia de balas e gastamos dez no tiro ao alvo, duas balas eram o suficiente, pois se ele errasse os dois tiros, segundo o que se imaginava de Sebastião, não ia dar tempo de carregar de novo.

O casamento estava próximo, já tinham comprado quase todos os moveis e mandado fazer os convites, iriam alugar uma casinha, Socorro deixaria de trabalhar como babá, pois o que meu amigo ganhava era o suficiente para os dois.

Foi quando Maria do Socorro recebeu outro telefonema de Sebastião, ele disse que chegaria no dia seguinte, que estava morrendo de saudades e que queria se casar com ela.

Outra vez apavorada Socorro relatou tudo a meu amigo. Como iriam casar-se em pouco tempo meu amigo sugeriu que ela mudasse para sua casa, poderiam dormir no mesmo quarto, pois não era segredo pra ninguém que eles já faziam isso há muito tempo. Ela se recusou, disse que já havia combinado com a patroa que ficaria até o fim do mês.

Na noite seguinte Joel foi dormir junto com Maria do Socorro, como sempre, ele entrou escondido no quartinho dela pelo portão de serviço. Ele sabia que Sebastião também tinha o costume de entrar pelo mesmo portão, mas ele estava prevenido, estava com a garrucha.

Violência não era característica de meu amigo, o máximo de violência que ele já havia cometido, era estapiar um ou outro moleque por causa de um pipa ou de uma bolinha de gude, mas atirar em um homem?

De repente ele poderia se transformar em um assassino! Por outro lado ele não podia deixar que um covarde machucasse sua futura esposa.

Foram dormir tarde aquela noite, aproveitaram a privacidade do quartinho para namorar e planejar o futuro, falaram dos filhos que iriam ter, da casa que iriam construir um dia e assim por diante. Maria do Socorro adormeceu nos braços de meu amigo Joel.

Antes de dormir meu amigo tem que cumprir todos os dias um certo ritual, acontece que ele não consegue pegar no sono em hipótese alguma se não fazer sua oração, rezar o pai nosso e amassar o travesseiro como se estivesse massageando-o. Estes costumes ele adquiriu aos cinco anos quando foi obrigado a largar a chupeta, naquele dia ele teve que acrescentar uma outra coisa ao ritual, depois de uma hora sem dormir ele foi obrigado a se levantar acender a luz e tirar as balas da garrucha por que ele não ia conseguir dormir com uma arma de fogo carregada no criado mudo.

O PESADELO

Por volta de três horas da madrugada ouviu-se no quartinho escuro um estrondo ensurdecedor, Joel e Maria do Socorro acordaram apavorados, acenderam a luz e Maria se levantou e foi até a porta, meu amigo gritou baixinho para que ela não abrisse a porta, ela olhou pelo olho mágico e disse que era Sebastião, ele gritou: Abra a porta Maria, eu sei que você está ai com um homem.

Apavorado, meu amigo Joel pegou a garrucha e amaldiçoou a hora em que tirou as balas, nesse meio tempo Sebastião arrombou a porta.

Sebastião viu Joel sentado na cama de cueca com os lençóis pelos pés, meu amigo viu Sebastião de pé em frente à porta escangalhada, era um sujeito enorme com cara de mal, negro, barbudo, truncado com mãos enormes, seus cabelos estavam despenteados e sua camisa semi-aberta, seu rosto suado parecia estar inchado como o de um alcoólatra.

Tremulo, ainda sentado na cama, meu amigo sabia que Sebastião não estava disposto a dialogar, muito nervoso ele tentava sem sucesso colocar as balas no revólver, era incrível mais as balas ficaram mais grossas e o cano mais fino. Sentado na cama, sem a menor chance de reagir, Joel viu a morte lentamente se aproximando em forma de Sebastião. Banhado em suor, com os olhos esbugalhados e com a respiração ofegante meu amigo Joel de súbito sentou-se na cama assuntando sua companheira, ele acabara de acordar de um terrível pesadelo.

E sempre assim, toda vez que meu amigo se sente pressionado ele tem pesadelos.

A VOLTA DE SEBASTIÃO

Os convites já tinham sido distribuídos, a casa já havia sido alugada, eu era um dos padrinhos, o vestido, todo branco e enfeitado com pérolas plásticas, estava quase pronto. Na antevéspera fomos, eu, meu amigo Joel, e todos os nossos amigos para a festa de solteiro, foi em uma chácara propriedade do pai de um de nosso amigo. Não aconteceu nada de mais na festa, churrasco, cerveja, piscina, brincadeiras infantis.

Depois que a festa acabou, Joel voltou pra casa, tomou um banho e foi pra casa de Socorro, tinham que acertar os detalhes da mudança para a casa nova, aquela era o ultimo dia de trabalho de Socorro.

Chegando a casa da noiva, como sempre meu amigo entrou pelo portão de serviço, ele abriu a porta e adentrou, havia um homem sentado na cama. O quartinho era bem pequeno e simples, tinha uma cama de casal no centro, dois criados mudos, um de cada lado da cama, um guarda-roupa com penteadeira embutida ao lado da porta de entrada, do lado direito da cama perto de um dos criados mudos tinha a porta do minúsculo banheiro e do lado oposto uma janela, havia também algumas prateleiras chumbada à parede sobre a cabeceira da cama que estava cheia de bibelôs. A porta do banheiro estava fechada e dava pra ouvir o chuveiro ligado, certamente Maria do Socorro estava tomando banho.

O homem que estava sentado na cama aparentava ter cerca de quarenta anos, mulato, forte, bem trajado, um pouco calvo e com um farto bigode.

Com uma calma que surpreendeu a ele mesmo, meu amigo perguntou:

--Quem é o senhor?

Sebastião era, bem diferente do que ele imaginava, bem menor do que Socorro o descrevia. Era um homem até simpático mais que não conseguia disfarçar a cara de malandro e cafajeste, tinha uma voz manhosa e olhar matreiro.

Meu amigo Joel sabia que Socorro ainda era apaixonada por aquele homem, ela mesmo lhe confessara, mais ele não conseguia entender porque, era um sujeito medíocre, tudo nele era medíocre.

Socorro saiu do banho, estava enrolada em uma toalha, como sempre ela estava linda.

Ao se deparar com Sebastião e meu amigo Joel, Maria do Socorro ficou pálida, parecia um menino que foi surpreendido olhando uma revista masculina.

Por um breve instante, que pareceu durar horas, os três ficaram em silêncio um olhando para a cara do outro. O gelo foi quebrado por Sebastião que como Joel também não estava entendendo nada.

Sebastião perguntou a Maria do Socorro quem era o jovem que acabara de chegar, Socorro nada respondeu, ele perguntou se meu amigo era o "outro".

--Quem era o outro?

Um pensava que o outro era o outro e o outro achava que o outro é que era o outro. Sem duvida a culpada de toda a confusão era Socorro.

Meu amigo Joel não disse uma palavra, só ficou observando, o que mais ele podia fazer, jamais em sua vida ele imaginou passar por uma situação dessas.

Sebastião perguntava a Socorro porque ela não contou que existia outro, porque ela o convenceu a voltar, há quanto tempo ela estava dormindo com o meu amigo. Maria do Socorro se limitava a pedir desculpas, dizia que não era o que parecia ser, que tudo se esclareceria. Só podia ser outro pesadelo, pensava meu amigo Joel, mas não era, ele não iria acordar suado dessa vez. Olhando aquela deprimente cena ele se perguntava como pode se meter naquilo, como ele pode pensar que estava apaixonado por Maria do Socorro, ela era medíocre e ele detestava mulheres medíocres, Sebastião também era medíocre por isso eles si mereciam. Ele agradeceu a Deus por não estar com a garrucha, pois se estivesse ele iria usa-la, mais como a garrucha só tem duas balas a maior duvida seria quem iria ficar vivo naquele quarto porque a única certeza é que uma das balas seria destinada á ele próprio porque um cara como ele merece morrer mais que qualquer um.

A discussão entre Sebastião e Socorro foi tomando proporções incontroláveis, Sebastião aumentava cada vez mais o tom de sua voz e ameaçava agredila ali mesmo, xingava-a de tudo que era nome feio, era evidente que não demorariam a entrarem em as vias de fato, diante disso meu amigo decidiu impor-se nem que para isso tivesse que se rebaixar ao nível dos outros dois fazendo uso se necessário fosse de força física. Em um tom decidido e autoritário, Joel exigiu que se fizesse silencio. Não permitindo interrupções ele esclareceu toda a situação a Sebastião e afirmou que se Maria do Socorro ainda quisesse eles se casariam e Sebastião não poderia fazer nada pra impedir. Em seguida, dirigindo se a Maria do Socorro ele deu-lhe um ultimato, ela teria que decidir naquele momento quem deveria sair do quartinho.

Ter que fazer uma opção às vezes é muito dolorido. Porque temos que optar? Porque temos que renunciar uma coisa em função de outra? Quem garante que faremos a escolha certa? Socorro balançava entre uma vida de amor e segurança, e uma vida de amor e paixão, ficou com a paixão, pediu que meu amigo a perdoasse.

Ele perambulou desnorteado por aquelas ruas de paralelepípedos. Como ele iria encarar seus amigos? Como ele iria encarar sua mãe?

Como ele iria encarar a si mesmo? Estava envergonhado e ressentido, as era diferente o que ele estava sentindo do que ele sentiu por ocasião da partida de Isabel Cristina, ele lamentava mais o fato de ter que cancelar o casamento que o fato de saber que ela não o amava o suficiente.

Meu amigo Joel lembrou-se do inicio daquele ano, de seus planos de ter um filho, de escrever um livro e de plantar uma árvore. Não conseguiu fazer nada, era um fracassado, acho que se ele não tivesse medo de fracassar novamente ele tentaria o suicídio.

O SUMIÇO

De madrugada, meu amigo chegou em sua casa, não conseguiu dormir nem um segundo, no outro dia, que era véspera do casamento, levantou-se bem cedo, tomou café e não disse a ninguém que não haveria mais casamento. Sua casa estava cheia de parentes de fora que vieram justamente para o casamento e ele não conseguiria explicar-se. Sua família até estranhou o silêncio de Joel mais concluíram que ele estava apenas nervoso, afinal era a primeira vez que ele se casava.

Às oito horas, com a desculpa de acertar detalhes pertinentes ao casamento, meu amigo Joel saiu, saiu e sumiu, parentes e amigos ficaram desesperado a sua procura, fomos em comitiva até a casa onde Maria do Socorro trabalhava a procura dele, pois ele tinha compromissos como experimentar o terno e fazer as ultimas recomendações ao bufe que realizaria a festa.

Na casa onde Socorro trabalhava, seus patrões informou-nos que ela tinha ido embora depois de uma violenta discussão na noite anterior, isso nos deixou muito preocupados, pois sabíamos que nosso amigo não era de discutir por pouca coisa, foi quando os patrões de Maria do Socorro que já haviam se familiarizado com nosso amigo nos disse que havia uma terceira pessoa envolvida na discussão e que nosso amigo foi o primeiro a sair.

Eu, que conhecia os pormenores da situação, logo suspeitei que a terceira pessoa era com certeza o tal Sebastião e fiquei bastante preocupado mais com o desenrolar da conversa, soubemos que Maria do Socorro saiu com o tal sujeito vinte minutos depois que meu amigo e se todos saíram andando, ninguém morreu, pelo menos não naquele quatinho.

Os patrões de Maria do Socorro ainda nos contaram que mesmo sendo tarde, antes de ir embora ela foi se despedir da criança que ela tomava conta e se desculpou pelo inconveniente daquela discussão fora de hora,

Maria do Socorro considerava muito seus patrões e essa consideração era recíproca.

Anoiteceu e não tivemos nenhuma noticia de Joel, estávamos impotente, não sabíamos se haveria casamento ou não, não sabíamos o que de fato aconteceu na noite anterior, não sabíamos onde meu amigo estava.

Eu fui para minha casa tomar um banho, mais pedi para a família comunicar caso houvesse alguma novidade. O telefone tocou, era meu amigo, ele me contou detalhadamente tudo o ocorrido, eu perguntei onde ele estava e se estava bem. Ele estava no sitio de seus avos, ele aproveitou que os velhinhos vieram à cidade para o casamento e se refugiou no sitio. Eu o convenci a ligar para a sua mãe, disse-lhe que ela podia ficar doente se não falasse com ele.

A voz de meu amigo ao telefone era triste porém serena, parecia que ele estava conformado, falava sobre Maria do Socorro como quem fala de um ente querido que morreu depois de muito sofrer, foi melhor assim.

Foi um escândalo, e um tremendo inconveniente, tivemos que cancelar tudo, em cidade pequena não basta cancelar, é preciso se justificar, se justificar

com o padre, com o juiz de paz, com os convidados, com o pessoal do bufê, etc, etc, etc.

Durante quinze dias, Joel ficou escondido no sítio de seus avós, nesse período, ele evitou todo mundo, não quis receber ninguém e quando seus avós ou sua mãe, que foi ao sítio vê-lo, insistia em conversar ele se recusava a tocar no assunto casamento.

COMEÇAR DE NOVO

Já era a segunda quinzena de dezembro do ano que meu amigo Joel jurou que ia ser diferente, mais uma vez a cidade estava enfeitada com luzes e cores natalinas, mais uma vez se podia sentir no ar o cheiro e o gosto da esperança se renovando e mais uma vez meu amigo estava sozinho e sem perspectiva. Mas dessa vez era diferente, dessa vez ele tinha mais pra lamentar do que nos anos anteriores porque naquele ano ele tinha vivido e o importante é viver, mesmo que nada seja do jeito que a gente gostaria que fosse, o importante é viver, vier tentando, viver falhando, mais viver. Qual o maior dom da vida? É a própria vida.

O ano já estava no fim, mais ainda não havia terminado e ainda era tempo dele continuar a perseguir seus objetivos iniciais, nunca e tarde pra começar. Não se deve desistir dos sonhos, ainda que pareçam impossíveis, sonhos fáceis não tem mérito algum, devemos ter sonhos grandes, complicados, difíceis e até impossíveis, quanto mais difícil, melhor. O ideal é termos dois sonhos, um muito difícil e o outro impossível, porque se tivermos sonhos fáceis e não conseguirmos realiza-los, ficaremos frustrados, mais se o sonho for difícil ou impossível não ha problema algum em falhar. A vantagem maior de se ter dois sonhos nesses moldes é que quando conseguimos realizar pelo menos em parte um desses sonhos já nos sentimos felizes, alem do mais, tendo dois sonhos um difícil e outro impossível, sempre teremos um objetivo a alcançar porque mesmo que consigamos realizar o sonho difícil, não conseguiremos realizar o impossível, pois é impossível.

Maria do Socorro desempenhou um papel muito importante na vida de meu amigo, ela lhe mostrou que não adianta fugir das pessoas, não adianta fugir da vida, não adianta se isolar. "O homem não foi feito pra ficar só." Ela lhe mostrou que o que aconteceu não voltaria a acontecer, pode até acontecer coisa pior, mas não a mesma coisa, ela ainda lhe mostrou que o verdadeiro amor é eterno e insubstituível.

Eu digo isso porque ele, quando a solidão o envolvia, era em Isabel Cristina que ele pensava. Isabel foi e é até hoje seu único e verdadeiro amor.

Encarando sua nova realidade, Joel partiu pra luta, ele não queria virar o ano sozinho e iria arrumar uma companhia, ele não queria que sua família e seus amigos o olhassem com sentimento de dó, ele odiava esse sentimento, é desumano sentir dó, por isso ele iria sufocar seus sentimentos e se mostrar alegre e otimista, na verdade ele estava otimista, sem nenhum motivo aparente ele estava otimista, acho que, de alguma forma que eu não consigo entender, o otimismo de meu amigo Joel era por causa de Socorro.

UM FINAL QUASE FELIZ

Aconteceu uma brincadeira de amigo secreto entre os moradores do quarteirão, a revelação dos nomes dos respectivos amigos secretos foi feita na noite de Natal. Meu amigo Joel tirou o nome de sua vizinha Adriana, Adriana é o nome de sua vizinha, mencionada nas primeiras linhas desta história, aquela por quem meu amigo nutria uma admiração que era quase uma paixão.

Chegada à hora da revelação, meu amigo presenteou Adriana com uma gargantilha e um beijo, por uma feliz coincidência, Adriana havia tirado o nome de Joel, ela o presenteou com uma carteira com fecho de vélcro e um beijo, passaram juntos o resto da noite feliz.

Adriana era estudante, cursava psicologia, tinham vinte e cinco anos e era linda.

Parecia que meu amigo Joel tinha superado tudo, não falava mais de Isabel e nem de Socorro, não se queixava nem mesmo comigo que sou seu melhor amigo, só falava do futuro e de Adriana, dizia que escreveria um livro e ganharia muito dinheiro, dizia que se casaria e teria muitos filhos, dizia que estava preocupado com a ecologia, era preciso plantar árvores, era preciso criar uma associação ecológica em nossa cidade, meu amigo estava irreconhecível.

Era manha do dia 31 de dezembro de 1997, Joel estava na feira livre procurando uma muda de árvore pra plantar.

Uma feira livre é um dos melhores laboratórios para se estudar a cultura de um povo. A feira livre se mantém intacta há milênios, a feira livre faz parte de todas as culturas, na feira pode-se aprender política, psicologia, botânica, comunicação, etc. A tecnologia e as novidades dos novos tempos não conseguem descaracterizar as feiras livres, a calculadora não substitui o lápis atrás da orelha.

A única muda de árvore que meu amigo encontrou foi um pinheirinho que havia sobrado do Natal, árvore é árvore e ele a comprou, se ele plantasse em frente a sua casa e a regasse com todo o carinho, talvez no Natal seguinte daria pra enfeita-la.

Ainda na feira ele andava de um lado para o outro, a procura de ingredientes para uma salada de frutas que seria servida no reveillon.

No meio de tanta gente, no meio de gritos e musicas, no meio das pessoas que pechinchavam um preço melhor, meu amigo Joel reconheceu uma pessoa, era uma senhora gorda, aparentava uns quarenta anos, estava grávida, trazia em uma das mãos uma sacola com legumes com uma réstia de alho que pendia de um lado para o outro, com o outro braço ela segurava um menino de uns dois anos que se agarrava à mamadeira, agarrada a sua saia vinha ainda mais duas meninas com vestidinhos de chita e chupetas nas mãos, as meninas deviam ter de sete ou oito anos.

A mulher parecia estar cansada, sua pele era branca, era pálida, seus olhos eram negros muito negros, era Isabel Cristina.

Isabel Cristina reconheceu meu amigo e foi conversar com ele, perguntou como ele estava e disse que tinha vindo passar o fim de ano na casa de sua mãe.

Meu amigo Joel não podia acreditar no que o tempo fizera com Isabel, ele queria ter um espelho para ver se o tempo também fora tão injusto com ele, só os olhos de Isabel mantinha a mesma beleza.

Tentando disfarçar seu espanto ele perguntou por Miro. Conversaram por uns dez minutos, Joel não se lembra de quase nada do que falou, ele estava perplexo e todas as suas palavras eram mecânicas, na hora de se despedirem Isabel disse que ele continuava tão jovem e bonito como sempre, sem poder retribuir o elogio, ele se limitou a agradecer.

Saindo da feira ele foi para uma praça pensar, era a mesma praça onde um dia ele colheu uma rosa branca para presentear Isabel. Na praça ele repassou toda a sua vida, o tempo passa sem que a gente perceba, ele estava com a muda do pinheiro em seus braços, ele olhou para o pinheiro e decidiu planta-lo no dia seguinte porque o dia seguinte seria o primeiro dia do ano que sem duvidas seria o melhor ano de sua vida. Também no dia seguinte ele iria começar a escrever o seu livro, iria escrever um romance sobre um jovem e seu primeiro amor.

Foi até o canteiro onde antes colhera a rosa branca e observou que não havia mais rosas.

Procurou com mais cuidado e achou uma única rosa já murcha, esquecida em um dos galhos. Apanhou-a.

A rosa, já sem vida, soltou suas pétalas ao vento.

FIM

Mauro Lousada
1998